

O SORRISO

08 DE MAIO
DE 1887



O SORRISO

PERIODICO LITTERARIO E NOTICIOSO

BRAZIL

PARAHYBA

Ignorance is the curse of God,
Knowledge the wing wherewith we fly to heaven.
SHAKSPEARE.

ANNO II

Domingo, 8 de Maio de 1887.

NUMERO 16

EXPEDIENTE

Escriptoria e Redacção
rua Duque de Saxe n.
68, para onde devem ser
dirigidas todas as corres-
pondências.

Assignaturas.

PARA A CAPITAL

| | |
|--------------------|--------|
| Por anno..... | 6\$000 |
| Por semestre..... | 3\$500 |
| Por mez..... | \$500 |
| Numero avulso..... | \$160 |

PARA FORA DA CAPITAL

| | |
|-------------------|--------|
| Por anno..... | 6\$500 |
| Por semestre..... | 3\$300 |
| Por mez..... | \$700 |

Publicação semanal.

Terá direito á uma assignatura, quem se encarregar de procurar 70 assignantes para este jornal.

Os assignantes terão direito a uma columna semanalmente para publicações litterarias.

Toda o pagamento será feito adiantadamente.

São nossos correspondentes: em Pariz o Sr. A. d'Oliveira Costa, no Rio de Janeiro o Sr. Antonio Machado da Silva Junior, no Rio Grande do Norte o Sr. Deomedes Quintiliano da Silva.

O SORRISO

PARAHYBA, 8 DE MAIO DE 1887.

Ainda o governo

Nós, escholasticos, pequenos redactores deste jornal, não podemos permanecer quèdos e taciturnos desde que trate-se da Instrucção, esta fonte perenne do bem que nos faz reconhecer o nosso proprio ser e que nos faz comprehender os sagrados deveres que temos para com nossos pais e mestres, para com a sociedade e até mesmo para com o governo.

Devemos por ella pugnar quando for por alguém atacarem seus direitos, de que tem até agora gozado livremente e respeitadas por todos que ella illumina.

Pois bem, hoje que a Instrucção está sendo combatida pelo governo, o unico que mais direito tem em defendê-la, facilitar os meios para adquirirmos este manancial divino, que todos nós almejamos ter, e que o precisamos ter; não deixemos que elle em seu tardo e cansado caminhar, persiga sem ouvir resar nos seus ouvidos o nosso grito de revolta, porque a nós compete defendê-la, defendê-la com todas as nossas forças; embora não sejamos attendidos, porque um governo egoista quanto (talvez) tem em mira com a sua honrosa farda e celebrismo o seu nome puro, não trepita em prejudicar o paiz, pondo em pratica o que a sua imaginação o leva a sonhar, o que é aprovado por todos os burocratas que cercão este governo, que só tem em mira enriquecer, e, para isto assassinam ousadamente os nossos direitos porque também têm em mira chegar ao fim que o seu governo pretende e conse-

que. E mais tarde este governo honrado, quando carequeido, publicará ao povo: —so trabalhei e trabalho a bem do meu caro paiz; —allegando os abusos e injustiças que fez durante o tempo que esteve no poder como os melhores beneficios prestados ao paiz; pelo que dão-lhe logo o nome de sabio e mais algum reforço para a sua fortuna adquirida licitamente.

Eis hoje a Instrucção prejudicada, porque assim quer o Sr. ministro do imperio (!) que em horas de ociosidade dictou para alguém escrever os nomes de obras classicas cuja leitura difficil de se comprehender, a primeira vista parece enigma para servir de programma de exames geraes de preparatorios; e quer que se lhe cãmpre rigorosamente; acha-o tão facil de ser executado como o foi por elle dictado.

Isto é não saber-se o que é estudo! E' mesmo ignorar o que dictou! Se o tal programma fosse escripto pelo governo talvez que elle podesse melhor avaliar a sua monstruosa obra, porque acharia difficuldade até em escrever os nomes das obras que escolheu para o seu programma, que tem por fim negar instrucção aos pobres.

E' excessivo o abuso dos homens governistas!

O Sr. barão de Mamoré sonhando com a gloria do seu honrado nome, quiz obsequiar o paiz com um dos seus valiosos serviços, (mais um dourado para sua farda;) acertou recahir o seu illicito plano na instrucção publica, como se quizesse de todo extingui-la; impondo-lhe um disforme programma, para por elle serem examinados rapazes, cujos conhecimentos mal fundados pelo pouco cultivado intellectual que têm não podem cumprir fielmente este programma, que

os proprios ministros sahiam reprovados, se por elle fossem examinados, conforme disse um periodico, nosso com-provinciano, tratando do celebre programma.

E' ter muito pouco amor ás lettras patrias!

Noticiario

Jornaes

A *Alvorada* é o titulo de uma importante revista militar e litteraria que se publica na cidade do Recife, quizenalmente. Está em seu primeiro anno de existencia.

A sua distincta redacção muito nos honra com sua permuta.

Lemos attentosamente os numeros 2 e 3; com quanto os seus artigos sejam escriptos em linguagem de sublimado estylo, vimos que *A Alvorada* altamente satisfaz o programma a que se propoz.

Agradecemos ao illustrado collega a honra de sua visita, desejando-lhe ricas victorias em suas bellas leituras em prol do direito.

Tambem fomos honrado com a importante visita do *Jornal do commercio*, outro pugnador do direito que airoosamente sargiu no arena jornalista em 1887, epoca em que o direito mais precisa de quem o defende.

O *Jornal do Commercio* é propriedade dos Srs. Azavedo & C.; publica-se tres vezes por semana na provincia do Amazonas. A sua leitura é instructiva e delectosa.

Agradecemos ao collega sua agravel visita.

Jardim Poetico

Flores d'alma

(PARODIA)

A' minha presada mãe D. Capitulina Ero
thildes A. Sampaio

As flores d'alma que s'alteiam² bellas
puras, singelas, orvalhadas, viras,
têm mais aromas e são mais formosas
que as pobres rosas do jardim captivas.

T. Ribeiro.

Todos têm as suas flores
n'alma ciosa de amores,
candidas como Jesus;
que abrem n'um mesmo galho,
bebendo de um só orvalho
dos raios da mesma luz.

Minh'alma só, ás rajadas,
vê suas flores crestadas
sem os risos da manhã...
Subtil lhe sae o perfume
na dor que assaz lhe resume
a vida no triste afan.

No vosso caule, tras flores,
a ambrosia dos amores
talvez lhe sorvesse até,
se nos abrigos da calma,
eu recolhesse em minh'alma
o meigo lyrio da—Fé.

Porém, oh! quanto offuscada,
eu não sinto a almejada
linda estrella da bonança!
Se o cardo da desventura
só me punge de amargura,
me mata a doce—Esperança!

E choro pela mais bella,
pela mais casta e singela,
que symbolisa a amizade...
Brotei pura n'uma cruz,
no momento em que Jesus,
proclamava a—Caridade.

Eu adoro estas tres flores,
meus idyllios, meus amores,
são tudo o que me seduz...
e vivem no mesmo galho,
da mesma perla de orvalho,
do riso da mesma luz.

Setembro—1886

MARIA LUCIA ROMARIZ

Miserias Parisienses

(Gravidade e gravidez)

Era tão grave a menina,
Tão meiga, tão recatada,
Tão pudibunda, tão seria,
Tão satinhan, tão calada.

Era tanta a gravidade
Da sisuda creatura,
—Da cabeça até á cinta,
Dos pés até á cintura—

Que ninguem, no quarteirão,
—Quer fosse pobre, quer rico—
Contra tão mimosa joia
Se atrevia á abrir o bico.

.....
.....
Mas quem se pode fiar
No terno buirro latino!
E nas labias excitantes
Do estudante latino!

Um dia pois, a mocinha
(Sem perder a gravidade)
Mudara a moda grotesca
Da elegante Cidade,

Empoleirando as anquinhas
Sobre o umbigo virginal.
Em vez de aquecer, com ellas,
A abobora de seu quintal

Cobrio-se Paris de lato!
Tudo em pranto se desfez!
Grave fôra a gravidade
* Pois havia gravidez

A. D' OLIVEIRA COSTA

A. Ella.

E' triste a terra! Para mim diserta!..
O céu escuro como negro manto!
O mar revolto qual immenso pelago...
Soluça a vaga em langoroso pranto!

E a terra out'ora para mim tão bella;
Já foi Eden de perfumosa flor,
Vasto horisonte divisei ao longe
Prisma dourado de esplendente côr!

Nos céos via desenhar-se o anjo,
Visão etherea de nítente côr,
Envolto em flores lusidia graves
Pedindo aos astros um olhar de amor!

E a flicidade desse amor tão puro,
Efeito rapido d'esse affecto santo
Que mostro n'alma de paixão occezo,

Mudou-se logo em saudade e pranto.

Tanta ventura desfructei sorrindo
Ao lado d'ella, virginal: tão, puro,
Libei o laço d'esse amor immenso
Só foi na vida uma vez, te juro!

Hoje sou triste como a flor fanada
Que ressequida já pendeu ao chão,
Embalde peço ao céu orvalho;
Suplico e choro, mas é tudo em vão.

Miguel Machado da Silva

A' minha vizinha

Vizinha da agua-furtada
—Haverá talvez um mez—
Disse-me, um dia, na escada
Que estava mesmo encantada
P'lo meu gatinho francez.

E ajuntou, quando subia
Da escada os altos degraus,
Que, se eu lh'o desse algum dia
Nunca ao bicho faltaria
Com beijos, nem carapaus.

E eu recusei, n'esse tempo,
Acceder ao seu capricho.
Elle era o meu passatempo;
Só por qualquer contratempo
Me desfaria do bicho.

Mas, se inda n'isso faz gosto,
Ao-seu dispôr cá o tem;
Nos gatos lançam imposto,
E eu não estou mui disposto
A pagar nem mais vintem...

Desculpe este estylo ruide,
Sem pretensões, nem ornato;
Tenha d'infelices e saudade,
E, á noite—ou quando lhe grude—
Pole leve o meu gato.

Ella traduz a compaixão divina
E do Christo e dos martyres descendo;
Quando o véo da agonía se desprende
Vejo-a surgir, estrella peregrina.

Como o sol em redoma crystalina
Uma lagrima em nós mil soas ascende,
Sangue do coração que ao rosto ascende
Luz que a noute dos tristes illumina.

Luz tão intima e pura, tão sagrada
Que a neguei muitas vezes, com receio
De a ver por mãos d'estranhos apagada.

Não que eu risse do mal (fôra é dizel-o)
Não que eu zombe do infortunio alheio
Mas zombe, zombe quem puder fazel-o.

Narcizo de Lacerda

Typ. do Liberal Parahybano.